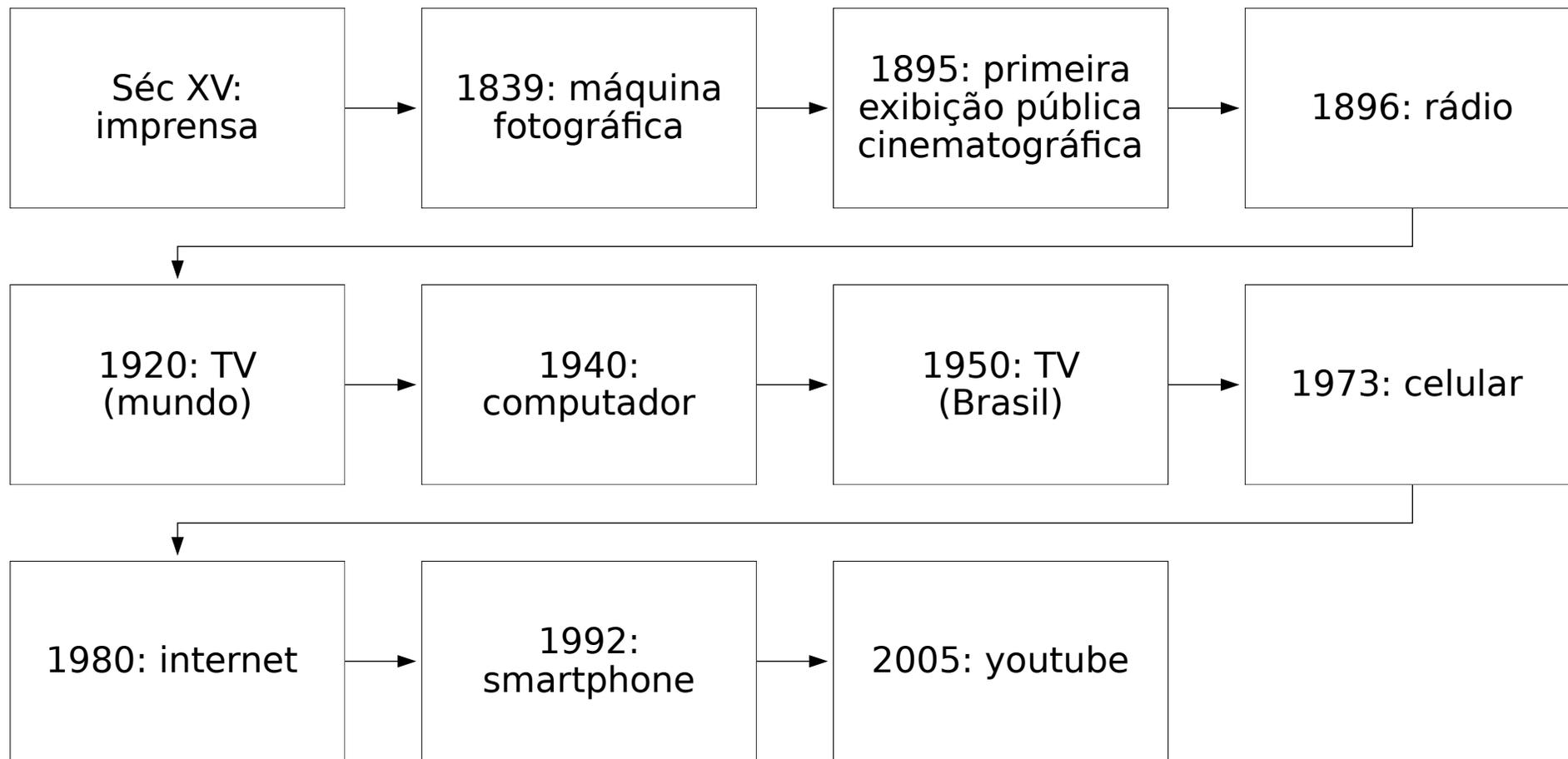


The background features a light gray and white checkerboard pattern. Several dark purple film strips are arranged diagonally across the page. One strip is in the top-left corner, and three others are in the bottom-right corner, overlapping each other. The main title is centered in the upper half of the page.

O audiovisual: um breve estudo sobre sua história e suportes

Lorena Nunes Marques

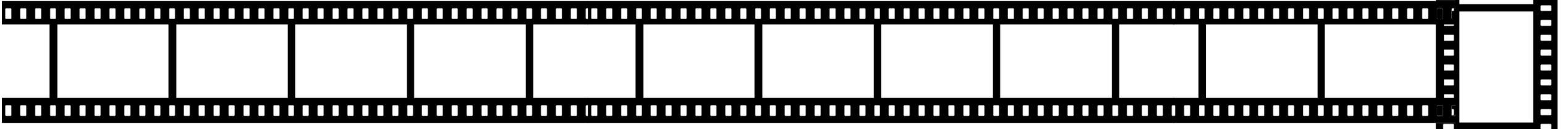
Um breve histórico: como chegamos aqui?



Mas afinal, o que é o audiovisual?

O audiovisual é um meio de comunicação em que há a utilização conjunta de **elementos visuais e sonoros**, ou seja, que pode ser vista e ouvida ao mesmo tempo. Dentre as **mídias audiovisuais** destacam-se a televisão, cinema e vídeos para a internet. Mas para que a mensagem, som e imagem encontrem a perfeita harmonia, há uma série de etapas que precisam ser cumpridas, como: produção; cenografia; animação; roteiro; direção de vídeo; edição; figurino; iluminação; fotografia; finalização; sonorização, entre outros.

Fonte: Agência Internacional de Cinema.



Assim, podemos observar que o audiovisual se baseia em:

Cinema



TV



Internet



O cinema

Num primeiro momento, há apenas a exibição de imagens em sequência, por curtos períodos de tempo, e sem som. O cinema, portanto, só se torna de fato “audiovisual” ao conseguir unir imagem e som.



O início - pra que serve o cinema?

Até então, o cinema era visto apenas para fins documentais e para registrar através de uma câmara estática algo que estava acontecendo diante da lente. Seria o que chamamos de "teatro filmado".

No entanto, dois pioneiros do cinema vão utilizar as câmeras para contar histórias, criar técnicas e narrativas que somente seriam possíveis com este aparelho. Eles são Alice Guy-Blaché (1873-1968) e Georges Méliès (1861-1938). Guy-Blaché é considerada a primeira pessoa a, de fato, trabalhar com o cinema. Já Méliès foi o criador de "A Viagem a Lua" e responsável pela criação de efeitos como sobreposição, zoom e cortes.



A francesa **Alice Guy** foi a primeira cineasta mulher e a primeira pessoa a explorar a **via narrativa** do cinema. Autora de quase mil obras, fez seu primeiro filme baseado num conto popular, **“A Fada dos Repolhos”** (1896).

Méliès criou os primeiros efeitos do cinema. Sua maior obra foi o filme **“Viagem à Lua”**, de 1902, se é uma adaptação do livro de Júlio Verne para o cinema. Méliès é conhecido como o “pai dos efeitos especiais”.



Filme: o artista

<https://www.youtube.com/watch?v=LdH4yRuIMg8>



Filme de produção francesa, de 2011, conhecido no Brasil como "O Artista". Uma comédia romântica que se passa em Hollywood entre os anos 1927 e 1932, focando-se em um ator em declínio e uma atriz em ascensão, enquanto o cinema mudo sai de moda e é substituído pelo cinema falado. Neste trecho, temos o trailer do filme trazendo o contexto do cinema mudo e em preto branco das décadas de 1920 e 1930.



‘História(s) do cinema’: poema-ensaio de Jean-Luc Godard

<https://www.nexojornal.com.br/estante/trechos/2022/04/29/%E2%80%98Hist%C3%B3rias-do-cinema%E2%80%99-poema-ensaio-de-Jean-Luc-Godard>

A popularização e democratização das linguagens: many hoods.



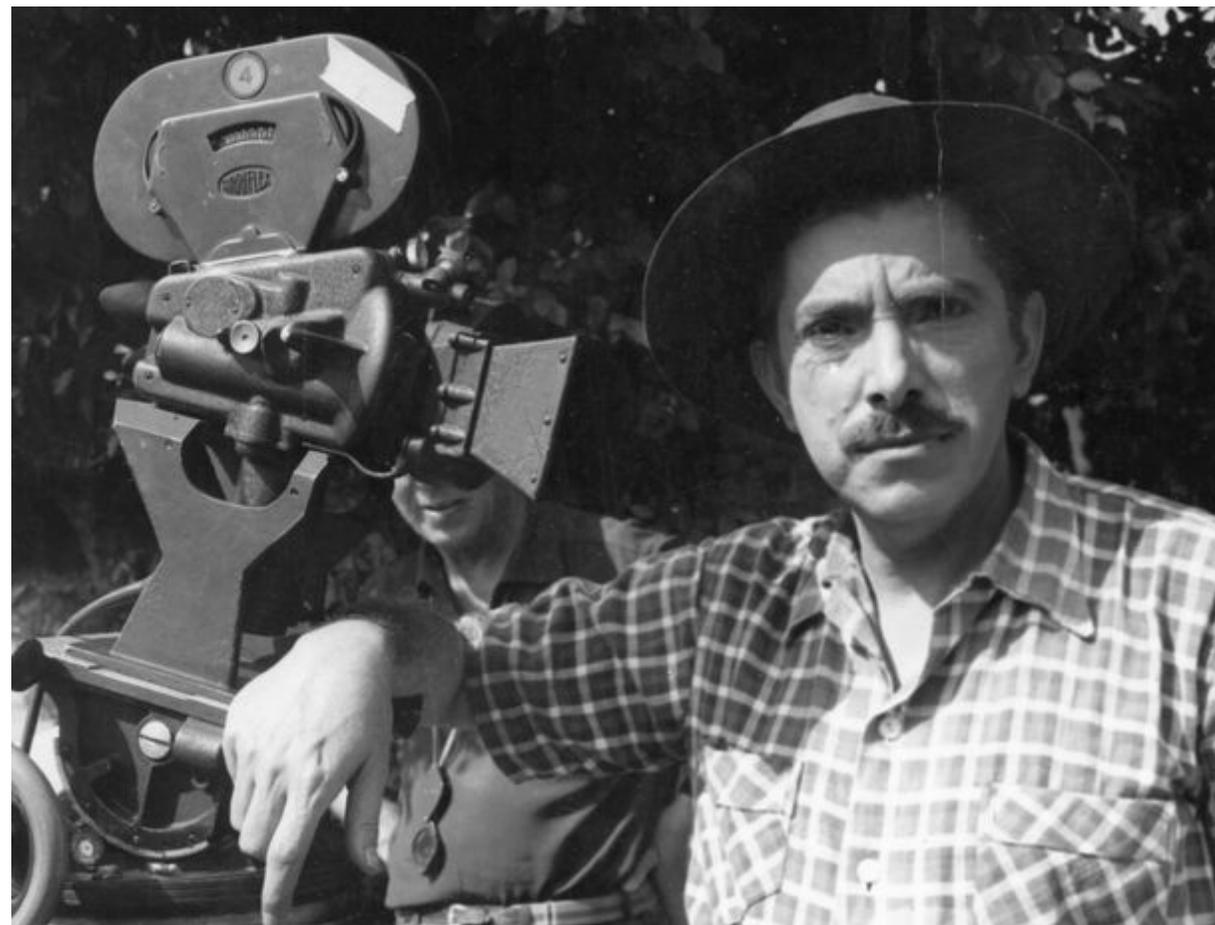
A TV



A história do audiovisual no Brasil deve grandes favores à televisão. Elevada à categoria de veículo de comunicação de massa, com ares de hegemonia sobre os ditames da cultura e hábitos nacionais, notadamente das classes menos favorecidas, a partir da década de 1960 as novelas, minisséries, telejornais – e mesmo as peças publicitárias – converteram-se em ‘mercadorias’ consumidas por milhões de brasileiros, todos os dias e a qualquer hora.

A TV no Brasil

Inaugurada de forma conturbada por aqui, a televisão trouxe ventos novos ao audiovisual brasileiro. A programação desde o início cedeu espaço ao entretenimento e à dramaturgia, importando profissionais do teatro, cinema e principalmente do rádio que, aplicando as adaptações necessárias ao meio, tentaram fazer das versões televisivas o mesmo sucesso que suas versões originais já experimentavam no rádio. Um exemplo foi “Rancho Alegre”, do qual o humorista Amâncio Mazzaropi participava nas rádios Difusora e Tupi. A primeira telenovela do Brasil foi “Sua vida me pertence”, que chegou aos lares de quem possuía o aparelho entre 21 de dezembro de 1951 a 15 de fevereiro de 1952. Toda a ação da novela desenvolvia-se ao vivo, duas vezes por semana, às 20h.



As novelas: a teledramaturgia

As novelas que temos hoje são, em verdade, adaptações e novos formatos do modelo de folhetim, muito comum nos séculos XIX e XX. Antes, cada capítulo de um romance era publicado periodicamente em jornais e revistas. Hoje, temos enormes produções que são transmitidas diariamente na TV aberta.



Um trecho de “O primo Basílio”

Luísa foi direita ao quarto: o cuco cantava três horas. Estava tudo desarrumado; vasos de plantas no chão, o toucador coberto com um lençol velho, roupa suja pelas cadeiras. E Juliana, com um lenço amarrado na cabeça, varria tranquilamente, cantarolando.

— Então você ainda não arrumou o quarto! — gritou Luísa. Juliana estremeceu àquela cólera inesperada.

— Estava agora, minha senhora!

— Que estava agora vejo eu! — rompeu Luísa.

— São três horas da tarde e ainda o quarto neste estado! Tinha atirado o chapéu, a sombrinha. — Como a senhora costuma vir sempre mais tarde... — disse Juliana. e os seus beiços faziam-se brancos.

— Que lhe importa a que horas eu venho? Que tem você com isso? A sua obrigação é arrumar logo que eu me levante. E não querendo, rua, fazem-lhe as contas!

Juliana fez-se escarlate e cravando em Luísa os olhos injetados:

— Olhe, sabe que mais? Não estou para a aturar! E arremessou violentamente a vassoura.

— Saia! — berrou Luísa. — Saia imediatamente! Nem mais um momento em casa!

Juliana pôs-se diante dela, e com palmadas convulsivas no peito a voz rouca:

— Hei de sair se eu quiser! Se eu quiser!

— Joana! — bradou Luísa. Queria chamar a cozinheira, um homem, um policia, alguém! Mas Juliana descomposta, com o punho no ar, toda a tremer:

— A senhora não me faça sair de mim! A senhora não me faça perder a cabeça! — E com a voz estrangulada através dos dentes cerrados: — Olhe que nem todos os papéis foram pra o lixo!

Luísa recuou, gritou: — Que diz você?

— Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui! E bateu na algibeira, ferozmente. Luísa fitou-a um momento com os olhos desvairados e caiu no chão, junto à poltrona,



<https://www.youtube.com/watch?v=cB716zAoQ6U>



TELEVISÃO

Televisão é uma caixa de imagens que fazem barulho.

Quando os adultos não querem ser incomodados, mandam as crianças irem assistir à televisão.

O que eu gosto mais na televisão são os desenhos animados de bichos.

Bicho imitando gente é muito mais engraçado do que gente imitando gente, como nas telenovelas.

Não gosto muito de programas infantis com gente fingindo de criança.

Em vez de ficar olhando essa gente brincar de mentira, prefiro ir brincar de verdade com meus amigos e amigas.

Também os doces que aparecem anunciados na televisão não têm gosto de coisa alguma porque ninguém pode comer uma imagem.

Já os doces que minha mãe faz e que eu como todo dia, esses sim, são gostosos.

Conclusão: A vida fora da televisão é melhor do que dentro dela.



A internet

A revolução provocada pelo Youtube na linha do tempo do audiovisual não fica circunscrita a números e estatísticas. Pela primeira vez na história, cada pessoa, profissional ou amadora, poderia produzir e publicar seus vídeos.



Ficção seriada: As séries

Desde Sherazade e seus Contos De Mil E Uma Noites temos relatos de produções seriadas, ficções que são cortadas em pedacinhos que mantem a atenção do ouvinte, leitor ou espectador.

Hoje é notória a presença e relevância das séries nos streammings, serviços de exibição pagos por assinatura e veiculados pela internet.

Pensamos, assim, que a novela foi uma atualização do folhetim e os streammings, por sua vez, uma atualização das novelas.



Cabeçalho de cena

Uma linha descrevendo local e hora do dia da cena. Int. é usado para ambiente Interno e Ext. para externo. Pode conter numeração da cena.

Ação

Descrição narrativa do que ocorre na cena.

Personagem

Nome do personagem deve sempre estar acima da sua fala no diálogo. Em sua primeira aparição, seu nome é seguido de uma breve descrição de suas características.

Diálogo

Linhas de fala do personagem.

5 CONT.: (2)

Moradores saem carregando botijões.

Camburão da polícia vira a esquina, os garotos correm.

6 EXT. RUAS DO CONJUNTO - DIA

Cabeleira, Alicate e Marreco correm, perseguidos de perto, por um POLICIAL que dá tiros para o alto. Eles riem. E também atiram para o alto.

BUSCA-PÉ (V.O.)

O Trio Ternura não tinha medo de ninguém. Nem da polícia... Eles achavam que a Cidade de Deus era deles. Mas tinha um monte de bandido que achava a mesma coisa. Naquele tempo, a Cidade de Deus ainda não tinha dono.

Os bandidos se metem pelas ruelas do local.

MONTAGEM cria a sensação de labirinto: o Policial nunca sabe para onde ir.

Os bandidos param um instante. Tiram as camisetas vermelhas, jogando-as por trás do muro de uma casa. Todos agora estão de camiseta branca. Eles continuam correndo até o...

7 EXT. CAMPINHO - DIA

Eles chegam ao campinho onde os garotos estão jogando futebol com a bola murcha, que Cabeleira estourou antes com o tiro, e fingem que fazem parte do jogo.

O Policial passa correndo por eles, sem se dar conta de quem eles são.

Assim que o Policial some da vista, eles caem na gargalhada.

BUSCA-PÉ (V.O.)

Com o know how que eu adquiri no entendimento da bandidagem, eu posso falar com toda a segurança: o Trio Ternura, no fundo, era um bando de pé-de-chinelo.

Marreco se aproxima de Busca-Pé.

BUSCA-PÉ (V.O. cont.) (cont.)

Principalmente o meu irmão: o Marreco.

Marreco tira dinheiro do calção e entrega para Busca-Pé.

pág.8.

5

Númeração da página

Númeração da cena

V.O. ou O.S.

Parêntesis usado ao lado do nome do personagem indicando se é V.O. (Voice Over, quando a fala é de um narrador) ou O.S. (Off-screen, quando um personagem que não está presente na tela, fala).

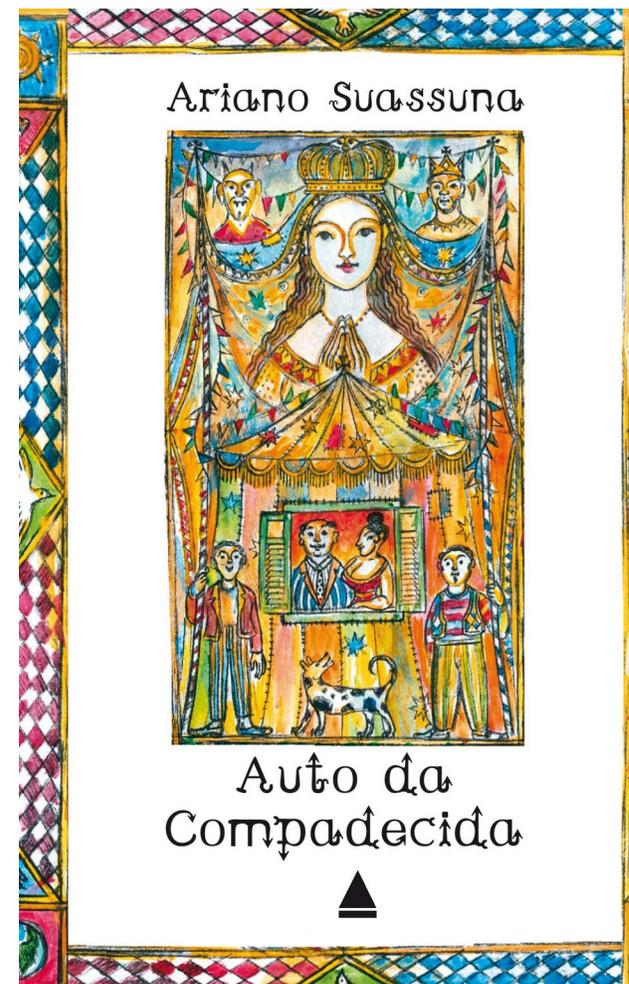
Mais e Continuação

Usar (MAIS) ao final de uma página e (CONTINUAÇÃO) no início da seguinte quando a fala de um personagem continua de uma página para a outra.

O Auto Da Compadecida: cinema e Literatura

As aventuras de João Grilo e Chicó, dois nordestinos pobres que vivem de golpes para sobreviver. Eles estão sempre enganando o povo de um pequeno vilarejo, inclusive o temido cangaceiro Severino de Aracaju, que os persegue pela região.

Originalmente escrita e publicada como peça teatral por Ariano Suassuna em 1955, teve sua primeira encenação em 1956 e depois foi adaptada ao cinema pelo diretor Guel Arraes em 2000.



Esta obra, de Lorena Nunes Marques,
está licenciada com uma licença
Creative Commons BY 4.0.

